

# CONVIVENDO COM OS SERTÕES – EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES DE UM ESTUDIOSO ALEMÃO<sup>1</sup>

Berthold Zilly

**Resumo:** O autor da presente palestra relembra e contextualiza seu interesse e fascínio, a partir do final dos anos 1960, por *Os Sertões* de Euclides da Cunha, livro que lê, na perspectiva da dialética do Esclarecimento, como relato parcialmente ambíguo ou contraditório de um patriota que, imbuído de ideias do progresso civilizatório, pretende pesquisar e expressar a totalidade das causas, características, aspectos objetivos e subjetivos de um crime cometido em nome da nação e da civilização: a guerra de Canudos. A complexidade e enigmaticidade da tarefa leva Euclides a criar um ensaio interdisciplinar, fundindo abordagens científicas, antropológicas e poéticas numa retórica erudita, de forte impacto emocional e apelo humanitário. Tudo isto motivou o palestrante a traduzir *Os Sertões* ao alemão, obrigando-o a amplas pesquisas e minuciosas análises de texto, das quais são apresentados exemplos. A palestra finaliza com vozes sobre a repercussão de *Krieg im Sertão* nos países de língua alemã.

**Palavras-chave:** *Os Sertões*. Euclides da Cunha. Guerra de Canudos. Dialética do Esclarecimento. Análise de texto. Tradução ao alemão. Recepção na Alemanha.

**Abstract:** The author of this lecture recalls and contextualizes his interest and fascination, from the end of the 1960s, on *Os Sertões* by Euclides da Cunha, a book that he reads, from the perspective of the dialectic of Enlightenment, as an account, partially ambiguous or contradictory, of a patriot who, imbued with ideas of civilizing progress, intends to research and express the totality of the causes, characteristics, objective and subjective aspects of a crime committed in the name of the Nation and Civilization: the War of Canudos. The complexity and enigmatic nature of the task led Euclides to create an interdisciplinary essay, merging scientific, anthropological and poetic approaches into erudite rhetoric, with a strong emotional impact and humanitarian appeal. All this motivated the speaker to translate *Os Sertões* into German, obliging him to carry out extensive research and meticulous text analyses, of which examples are presented. The lecture ends with voices about the repercussion of *Krieg im Sertão* in German-speaking countries.

**Keywords:** *Os Sertões*. Euclides da Cunha. War of Canudos. Dialectic of Enlightenment. Text analysis. Translation into German. Reception in Germany.

---

<sup>1</sup> Agradeço a Claudia Silveyra d'Avila pela ajuda na revisão do ensaio.

Agradeço de todo coração aos colegas do Campus Avançado de Canudos da UNEB, e a toda a equipe organizadora sob a coordenação do Prof. Luiz Paulo Neiva, pelo convite para este importante evento. Estamos nos encontrando para comemorar um livro que mudou a imagem que o Brasil tem de si mesmo, que mudou a realidade sertaneja, e que mudou também a minha vida. Falar dos *Sertões* significa falar de estruturas e tendências intrínsecas do Brasil dos últimos 120 anos, mas também da história brasileira como um todo, incluindo a história natural, pois Euclides concebeu o seu relato sobre a guerra nos sertões da Bahia como uma espécie de gênese do país todo, uma saga da criação da terra e da gente do Brasil. Não é por acaso que este livro já foi chamado de “Bíblia da nacionalidade”. É fruto de uma ambição, de uma aspiração, de uma sonhação, como diria Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas*, que pode parecer megalômana, mas que – espantosamente – deu certo, pois gerou um livro que surgiu como uma revelação, uma sensação, uma fonte de inspiração intelectual e artística, desde a estreia até hoje em dia.

Por outro lado, se Euclides foi um patriota, também foi um cosmopolita, ao compreender, transnacionalmente, a sua pátria como parte do mundo, de modo que um estrangeiro que lê os seus escritos lê ao mesmo tempo observações sobre o seu mundo, sobre a sua gente, sobre si mesmo. É que as forças que movem a História, apesar de todas as diferenças, são basicamente as mesmas no mundo inteiro. Assim, já está em *Os Sertões*, implícita, outra ideia de Riobaldo: “O sertão está em toda a parte”. Euclides sempre deixa claro aos leitores: “Tua res agitur”, “trata-se de coisa tua, de assunto do teu interesse”. Por isso, sempre achei que era um livro também do meu interesse.

---

Considero muito apropriado o enfoque deste encontro, ou seja, colocar a obra euclidiana na ótica da quebra da lógica ocidental, questionamento radical de um racionalismo exagerado, desenfreado e cego. Não se trata de condenar sumariamente o *Aufklärung*, o Esclarecimento, o Iluminismo, a razão como guia do pensamento, o projeto todo da Civilização e da Modernidade. Euclides apreciava, no fundo, o ideário do Esclarecimento, que tinha

recebido junto com o positivismo, mas ele cada vez mais passou a ver ou intuir as suas contradições e tendências negativas. “Fazer uso do seu próprio entendimento” (Kant), questionar tudo através da “dúvida sistemática” (Descartes) – foram princípios que sempre nortearam também o pensamento de Euclides. E ele, o que nem todos os defensores da Modernidade fazem, usava esses princípios iluministas também para criticar aspectos e consequências problemáticas da própria Modernidade e do Esclarecimento. Este, Kant o definiu assim, em um artigo de jornal de 1784:

*Esclarecimento (Aufklärung) significa a saída do homem de sua minoridade, pela qual ele próprio é responsável. A minoridade é a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento sem a tutela de um outro. É a si próprio que se deve atribuir essa minoridade, uma vez que ela não resulta da falta de entendimento, mas da falta de resolução e de coragem necessárias para utilizar seu entendimento sem a tutela de outro. Sapere aude! Tenha a coragem de te servir de teu próprio entendimento, tal é, portanto, a divisa do Esclarecimento. [...] É difícil para todo homem tomado individualmente livrar-se dessa minoridade que se tornou uma espécie de segunda natureza. [...] Que um público, porém, esclareça-se a si mesmo, é ainda assim possível; é até, se lhe deixarem a liberdade, praticamente inevitável. Pois então sempre se encontrarão alguns homens pensando por si mesmos, incluindo os tutores oficiais da grande maioria, que, após terem eles mesmos rejeitado o jugo da minoridade, difundirão o espírito de uma apreciação razoável de seu próprio valor e a vocação de cada homem de pensar por si mesmo (Tradução de Luiz Paulo Rouanet).*

Não é fácil portanto os indivíduos se livrarem da sua menoridade sozinhos, é mais fácil através do diálogo, no espaço público, onde os mais esclarecidos podem ensinar aos menos esclarecidos o uso do seu próprio entendimento. Isso pressupõe liberdade de expressão na esfera pública, e igualdade no direito à informação e à instrução para todos, o que praticamente é a missão da imprensa e do ensino.

Desde o seu tempo de aluno na escola militar, Euclides da Cunha, provavelmente sem ter lido Kant, mas imbuído do pensamento iluminista, positivista e evolucionista, se compreendia como esclarecedor da opinião públi-

ca, colaborando na imprensa, e tentando diversas vezes entrar no magistério, o que finalmente conseguiu, porém, morrendo duas semanas depois. Mesmo antes de chegar em Canudos, em reportagem para *O Estado de São Paulo* e mesmo antes de saber dos crimes do exército, antes também de descobrir que Canudos não era uma insurreição monarquista, como dizia a propaganda do governo, Euclides parecia duvidar do sentido da guerra, justificando-a, porém, com a condição que ela fosse prelúdio de uma missão pacificadora e educadora. Ouçam esta frase, uma sentença optativa, com posição do sujeito gramatical no final, construção frequente nos seus escritos, criando um suspense e enfatizando aquele que devia ser um sujeito importante no processo civilizatório:

Que pelas estradas, ora abertas à passagem dos batalhões gloriosos, [...] siga, depois da luta, modestamente, um herói anônimo sem triunfos ruidosos, mas que será, no caso vertente, o verdadeiro vencedor: o mestre-escola.

---

Euclides muito cedo se decepcionou com algumas promessas da Civilização, do Positivismo e do Republicanismo que foram as formas contemporâneas do pensamento iluminista no Brasil. Essa atitude cética, que foi uma das causas da sua retirada do Exército e da política republicana, se intensificou diante daquilo que viu e viveu em Canudos, impregnando profundamente *Os Sertões*. Ele tinha clara noção de que a luta pelo progresso científico, técnico, instrumental e pela libertação do homem podia levar para uma nova servidão, e de que a luta por mais racionalidade podia levar a uma nova mitologia, a uma mitificação da própria ciência, com sua lógica de classificar, instrumentalizar, coisificar tudo, de colocar as coisas, as ideias, as pessoas em uma infinita relação meio-fim. É uma lógica que tende a justificar os maiores sacrifícios em nome de um fim supostamente superior. Produz vítimas, produz sofrimentos, produz conflitos, a exploração do homem pelo homem, e hoje em dia até põe em xeque a sobrevivência da humanidade, o que Euclides ainda não podia saber, mas ele sim viu o potencial destruidor e autodestruidor da Civilização.

Sempre, principalmente desde o Romantismo, os artistas criticaram essa propensão da lógica ocidental para catalogar, subsumir, utilizar cada coisa para outras coisas, de ignorar que cada coisa e cada pessoa também tem um fim em si mesma; e talvez seja justamente esta uma missão das artes, da poesia, da literatura, ou seja a missão de livrar, pelo menos temporariamente, as coisas e as pessoas da hierarquia e do domínio da lógica cartesiana, para lhes devolver e reconhecer a sua autonomia, beleza, dignidade. A ciência tende a medir e quantificar tudo, as artes tendem a contemplar e a qualificar tudo, independentemente de utilidades e hierarquias.

Além disso, os poetas e artistas, também os profetas e teólogos, sabiam ou intuíaam que existe em cada homem o “homem dos avessos” (Guimarães Rosa), em todos nós e na sociedade: contradições, ambivalências, mudanças, maldades, loucuras, que pedem para ser pesquisadas, configuradas, representadas, com recursos não só racionais, mas também artísticos. É por isso que Euclides não pôde escrever um livro puramente científico, nem puramente jornalístico, ele precisou, para fazer jus aos enigmas, paradoxos e avessos do sertão e da Civilização, lançar mão de recursos poéticos, épicos, dramáticos. Mas nunca se esqueceu de questionar a realidade nos seus múltiplos aspectos e de fazer tudo para ser maior no sentido kantiano, maior e vacinado, como diz um ditado brasileiro, sem se deixar guiar por autoridades alheias.

---

Assim creio que não foi por acaso que, quando cheguei por primeira vez ao Brasil, em 1968, numa idade de rebeldia e de curiosidade por tudo, comecei a me interessar por *Os Sertões*, através de trechos em uma antologia, *Presença de literatura brasileira*, de Antonio Candido e Aderaldo Castello, e comprei os 10 volumes da *Biblioteca Básica Brasileira*, da UnB, de que fazia parte também *Os Sertões*. Eu era estudante de línguas e literaturas românicas, falava francês e algo de espanhol e português. Vim com um grupo de estudantes alemães, tínhamos ganhado uma bolsa para conhecermos problemas da desigualdade e do subdesenvolvimento em um país do então chamado “Terceiro Mundo”, e assim viajamos também pelas regiões mais “subdesenvolvidas” do Brasil, como

se dizia, pelo sertão, pela Amazônia, e subimos no Morro da Providência, no Rio. Tivemos um primeiro contato com a religiosidade popular, em Juazeiro do Norte, cidade do Padre Cícero. Estávamos naturalmente marcados pelo espírito crítico, anticolonialista e antiimperialista do movimento estudantil daquela época, em plena ditadura no Brasil que tinha acabado com as Ligas Camponesas no Nordeste e com projetos de reformas sociais do governo Goulart.

Eu tinha lido algo sobre problemas sociais na América Latina e na África, em autores como Josué de Castro, Florestan Fernandes, Frantz Fanon, Albert Memmi, também pensadores da Teoria da Dependência, André Gunder Frank, Ruy Mauro Marini, Theotônio dos Santos e outros. Tinha lido estudos sobre conflitos negligenciados pela esquerda tradicional, por exemplo *Primitive Rebels* de Eric Hobsbawm e *Cangaceiros e fanáticos*, de Rui Facó, que procuravam elementos de luta por justiça social em movimentos por assim dizer pré-políticos, falando inclusive do movimento de Canudos. Também tinha lido cientistas sociais mais conservadores, como Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala* e *Sobrados e Mocambos*. E naturalmente intelectuais que eram de certa forma gurus do movimento estudantil, Marx e Engels naturalmente, a chamada escola de Frankfurt, Adorno e Horkheimer, também Leo Löwenthal, mais ainda Herbert Marcuse, com seu *O homem unidimensional* e *Eros e civilização*. Ademais, Rosa Luxemburg, Freud, Wilhelm Reich, Lukács e outros.

Os pensadores da teoria da dependência nos mostraram que o subdesenvolvimento não era simplesmente um atraso, mas era produzido por certo tipo de desenvolvimento desigual do capitalismo internacional, trocas desiguais no mercado mundial dominado pelos países mais industrializados, estruturas de dominação internas nos países menos industrializados e periféricos, falta de estruturas democráticas e de participação popular, pelo que eles falavam do “desenvolvimento do subdesenvolvimento”. Essas leituras me foram úteis também na análise literária, pois a literatura nunca é apenas autorreferencial, não fala só de linguagem e metáforas e do homem como tal, mas fala da totalidade do que existe, no passado, no presente, no futuro, fala do real e do irreal, do imaginário e do possível. Pouco depois, com o relatório do Club of Rome, de 1972, começou, até dentro do *establishment* mundial, uma preo-

cupação com aspectos destrutivos do dominante modelo de desenvolvimento econômico e social, o que contribuiu para eu ver mais claramente em Euclides tendências também de pensador ecológico.

Indiretamente, antes de chegar no Brasil, eu já tinha entrado em contato com a temática sertaneja e euclidiana através da literatura, Graciliano Ramos principalmente, que sempre apreciei, Raquel de Queiroz também, José Lins do Rego, e através do Cinema Novo que estava conquistando a admiração do público europeu, principalmente *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha, rodado no sertão de Canudos e de Monte Santo, também *Vidas Secas* de Nelson Pereira dos Santos, *Os Fuzis* de Rui Guerra, e um filme mais antigo, *O Cangaceiro* de Victor Lima Barreto.

---

Foi em Fortaleza, no final dos anos 1970, onde trabalhei como professor visitante de língua e literatura alemã, que cheguei a conhecer o sertão mais de perto, ficando fascinado com essa paisagem nuclear do Brasil, com a extensão infinita dessas terras e desses céus que me pareciam incitar qualquer viajante à meditação, à introspecção, a viagens imaginárias, para pensar nas coisas realmente essenciais da vida e do mundo. Também me informei sobre conflitos sociais e judiciais no sertão cearense, alguns dos quais pareciam resurretos a partir de romances ou filmes antigos, como se, apesar de todos os progressos civilizatórios, o tempo estivesse parado e estagnado no sertão.

Finalmente li *Os Sertões* na íntegra, aí fiquei intimamente tocado e atraído por esse livro, deslumbrado, entusiasmado até, apesar da sintaxe enrolada e dos numerosos floreios patéticos. É que em *Os Sertões* essa paisagem central do Brasil aparece em todos os seus aspectos e matizes, problemática, pobre, bonita, triste e grandiosa, ela não só está no título, mas ela também é palco, é personagem, é protagonista, começa a viver diante dos nossos olhos e ouvidos, presente, com sua beleza áspera, seu solo, sua flora e fauna, o clima, e principalmente o seu povo. Pois o sertão, como outras paisagens também, é uma simbiose entre natureza e sociedade, já que para Euclides, a superfície da Terra influencia e molda o homem, mas o homem influencia e molda também

a superfície da Terra e até o clima, um *insight* moderno como mostra o termo recém-criado “antropoceno”, para designar a idade geológica em que vivemos, marcada pelo homem como agente geoclimático.

O que eu senti e pensei na leitura, os tópicos e o seu arranjo, a linguagem, o impacto do livro – tudo isso achei magistralmente formulado na primeira resenha publicada faz exatamente 120 anos, pois ela saiu dia 3 de dezembro de 1902 no *Correio da Manhã*, de autoria do talvez maior crítico brasileiro da época, José Veríssimo. Notável a importância que o jornal deu a essa matéria, coisa impensável hoje, pois lhe concedeu metade da primeira página, como vocês mesmos podem ver na maravilhosa hemeroteca da Biblioteca Nacional. Eu cito:

O livro, por tantos títulos notáveis, do Sr. Euclides da Cunha, é ao mesmo tempo o livro de um homem de ciência, um geographo, um geólogo, um ethnographo; de um homem de pensamento, um philosopho, um sociologo, um historiador; e de um homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista, que sabe vêr e descrever, que vibra e sente tanto aos aspectos da natureza, como ao contacto do homem, e estremece todo, tocado até ao fundo d'alma, commovido até ás lagrimas, em face da dôr humana, venha ella das condições fataes do mundo physico, as «seccas» que assolam os sertões do norte brasileiro, venha da estupidez ou maldade dos homens, como a campanha de Canudos.

Esta resenha de certa forma antecipa não apenas a minha leitura, mas também, em termos teóricos, a concepção das “três culturas”, que o sociólogo da cultura Wolf Lepenies elaborou nos anos 1980, diferenciando, ao estudar a história intelectual da Alemanha, França e Inglaterra, três vias de captar, interpretar e representar a realidade: as ciências naturais que medem e classificam, as ciências sociais e hermenêuticas que procuram compreender, e a literatura e o ensaísmo literário que configuram e reconfiguram esteticamente.

Euclides sabia que uma temática tão complexa quanto a guerra de Canudos e seus antecedentes, com uma infinidade de causas, aspectos e consequências – fenômenos objetivos e subjetivos, militares, políticos, filosóficos, emocionais, morais – precisava de uma combinação de diversos instrumentos



cognitivos e sensitivos, ou seja, uma pesquisa e expressão por assim dizer interdisciplinar e intermedial, aquilo que ele chamaria mais tarde, em carta ao próprio José Veríssimo, “o consórcio da ciência e da arte”.

Se admiro Os Sertões, também admiro o seu autor, Euclides da Cunha, intelectual polivalente, engenheiro militar e civil, jornalista, geógrafo, cartógrafo, historiador, poeta, um membro proeminente da generosa família de escritores, viajantes e pesquisadores no Brasil, empenhados, como diz Policarpo Quaresma, em trabalhar: “para a grandeza e a emancipação da Pátria”. Naturalmente esses patriotas não eram ufanistas como o herói quixotesco de Lima Barreto, aliás outro autor que comecei a apreciar já no final dos anos 1960, e que acabei traduzindo também. Mas no fundo todos esses autores compartilhavam alguns dos ideais de Policarpo, pois eles se sentiam responsáveis pelo país, pela dignidade e cidadania de todos os brasileiros, com inclusão das camadas subalternas em regiões periféricas. Estou pensando em autores como José Bonifácio, Couto de Magalhães, Teodoro Sampaio, Carlos Chagas, Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda, Antônio Callado, Darcy Ribeiro e muitos outros, que desejavam, com sinceridade e dedicação, pesquisar, conhecer e interpretar o Brasil, para torná-lo mais esclarecido, mais justo, mais pacífico e civilizado. Em carta a um amigo, Euclides expressa a sua afinidade com aqueles desbravadores em uma frase pela qual também o admiro, pois mostra a sua distância com respeito à cultura dominante, ou seja, a cultura das classes dominantes, da belle époque, com orientação unilateral para uma civilização de moda e de fachada europeizante: “Não desejo a Europa, o boulevard, os brilhos de uma posição, desejo o sertão, a picada malgradada e a vida afanosa e triste de pioneiro”.

---

Sempre achei, como hoje de manhã também já falaram, com outras palavras, Leopoldo Bernucci e Lea Santana, que Euclides, em momentos decisivos, teve a coragem de usar o seu próprio intelecto, de alcançar a sua maioria, de superar preconceitos reinantes, porque ele estava percebendo o absurdo do republicanismo exacerbado, do racismo com sua crença na su-

premacia branca, da lógica militar elaborada na Europa pelos “doutores na arte de matar”. Em contrapartida, ele começou, como “poeta” e como “homem de sentimento” (Veríssimo) a confiar crescentemente no valor cognitivo do seu horror e da sua indignação diante de crimes observados, sua compaixão com os desprezados, injustiçados, massacrados.

A decepção euclidiana com o legado do Esclarecimento e com consequências bárbaras da própria Civilização me lembraram um clássico da filosofia social dos anos 1940, de Adorno e Horkheimer, dois pensadores que tiveram que fugir do nazismo para os Estados Unidos, onde escreveram *A Dialética do Esclarecimento*, mostrando como a lógica do Ocidente, que teve as suas raízes na Grécia antiga, pode ser pervertida em novo obscurantismo, a razão em mito, a libertação em opressão – ideias induzidas também pelas experiências com o nazismo e o estalinismo, movimentos ultramodernos conforme uma razão instrumental, mas reacionários e bárbaros em termos de uma razão crítica, democrática e emancipatória. De fato, não há nenhum ideal, nenhuma fé, nenhum princípio humano ou humanista, nenhuma utopia que não possa ser levada a extremos absurdos e contraproducentes, que não possa ser usada e abusada para fins egoístas, destrutivos, desumanos.

Grande parte do Exército brasileiro, Euclides também, estava imbuído das belas e promissoras ideias de progresso e civilização, que o positivismo tinha herdado do Iluminismo francês. Mas como homem de sensibilidade moral e estética, o escritor reconheceu o perigo de essas ideias serem pervertidas, quando acionadas com total cegueira, o que por exemplo ficou patente no aniversário do 14 de julho de 1789, data do assalto do povo de Paris à Bastilha, bastião usado como cárcere para os inimigos da Monarquia. Esse dia, celebrado na França até hoje como início da Revolução Francesa, era comemorado também no Brasil nos primeiros anos da República, e foi saudado até em Canudos, em 1897, imaginem! O que Euclides, num desespero sarcástico, ironizou assim:

O dia era propício: uma data de festa nacional. Logo pela manhã uma salva de 21 tiros de bala a comemorara. Os matutos broncos foram varridos cedo – surpreendidos, saltando estonteadamente das redes e dos

catres miseráveis – porque havia pouco mais de cem anos um grupo de sonhadores falara nos direitos do homem e se debatera pela utopia maravilhosa da fraternidade humana...

Um absurdo grotesco, hilariante, se não fosse tão triste: em nome das ideias do Esclarecimento, em nome de *Liberté, Egalité, Fraternité*, os oficiais republicanos organizaram um canhoneio contra uma parcela pobre do seu próprio povo, prenúncio do massacre subsequente, e tudo isso no interesse objetivo das elites regionais e nacionais.

---

Euclides, que se compreende como “narrador sincero”, começa, ao chegar em Canudos, a se distanciar cada vez mais da lógica militar e a duvidar da legitimidade da guerra. Já nas reportagens para o *Estado de São Paulo*, ele denuncia, discreta, mas perceptivelmente, as sistemáticas degolas dos sertanejos presos, crime aprovado se não ordenado pelos comandantes. Porém, ainda hesita em protestar abertamente, visto que está ali numa dupla função, muito incômoda: como jornalista e como adido do Ministro da Guerra, situação que lembra o *embedded journalism*, jornalismo incorporado, quase emparedado, censurado, nas guerras do nosso século, um antagonismo entre dois papéis: a parcialidade do militar e a imparcialidade do jornalista. Também em Canudos, o exército praticava censura.

No livro publicado cinco anos mais tarde, ele pode falar com maior franqueza: não apenas as guerras geram necessariamente crimes de guerra, mas talvez elas mesmas sejam crimes, principalmente as guerras de agressão, como a de Canudos, um assalto em nome da Nação e da Civilização, de modo que ao sertanejo assaltado só resta a legítima defesa:

“O jagunço [...] só podia fazer o que fez – bater, bater terrivelmente a nacionalidade que [...] procurava levá-lo para os deslumbramentos da nossa idade dentro de um quadrado de baionetas, mostrando-lhe o brilho da civilização através do clarão de descargas”.

Se há progressos na História, estes se referem à tecnologia e à ciência, à razão instrumental, mas quase não há progressos na mentalidade, na moralidade, na razão social e humanista. Modernizam-se a tecnologia, a economia, a administração, mas humanamente, eticamente, continuamos a ser, como diz Euclides: “trogloditas enluvados e encobertos de tênue verniz de cultura”. É um pessimismo que lembra, além da já citada *Dialética do Esclarecimento*, uma observação do filósofo Günther Anders: *Die Antiquiertheit des Menschen* (A Obsolescência do homem), sobre a constituição mental do homem cada vez mais antiquada com respeito aos seus próprios progressos tecnológicos e organizatórios, que ele não sabe manejar com responsabilidade. Assim a barbárie nas mãos da Civilização é muito mais eficiente e perigosa do que a barbárie na Idade da pedra:

Além disto a guerra é uma coisa monstruosa e ilógica em tudo. Na sua maneira atual é uma organização técnica superior. Mas inquinam-na todos os estigmas do banditismo original. Sobranceiras ao rigorismo da estratégia, aos preceitos da tática, à segurança dos aparelhos sinistros, [...] permanecem – intactas – todas as brutalidades do homem primitivo.

---

Fiquei impressionado com o conflito dentro do autor, entre as típicas ideologias racistas da época, por um lado, e a sua própria observação franca e empática da realidade humana, por outro lado. Na sua grande obra de 1902, ele volta e meia consegue se desvencilhar desses preconceitos, que ele mesmo chama de: “garbosos neologismos etnológicos”, ou: “fantasias psíquico-geométricas”, ou: “imaginosa linhas dessa espécie de topografia psíquica”, que no fundo eram preconceitos em roupagem científica. O racista vira antirracista, até certo ponto, e em vez dessas ideias pré-fabricadas, ele tem a coragem de deixar falar em si mesmo o artista e o observador de coração aberto que ama o sertão e admira os seus moradores, eu cito:

“Sejamos simples copistas. Reproduzamos, intactas, todas as impressões, verdadeiras ou ilusórias, que tivemos quando, de repente, acompanhando a celeridade de uma marcha militar, demos de frente, numa volta do sertão, com aqueles desconhecidos singulares, que ali estão abandonados há três séculos”.

Essa reflexão quase metodológica e metaliterária está situada estrategicamente no livro: ela antecede a famosa apoteose do sertanejo, que abre o terceiro subcapítulo de *O Homem*: “O sertanejo, antes de tudo, é um forte”. A inicial impressão do narrador de que o sertanejo fosse um decaído, um fraco, um inferior, é retificada. Pois, nos lances difíceis da sua vida, seja como vaqueiro, seja como guerreiro, esse ser ambíguo, esse: “Hércules-Quasímodo” – paradoxo tipicamente euclidiano – se torna um gigante, um deus pré-olímpico, eu cito:

“O homem transfigura-se. [...] e da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias”.

O crítico húngaro Georg Lukács tinha detectado, inspirado por Engels, em grandes prosadores realistas do século XIX, por exemplo em Balzac e em Stendhal, uma dicotomia, até uma oposição entre ideologia por um lado e configuração literária por outro lado, entre um conservadorismo explícito e uma crítica implícita a esse conservadorismo. Balzac era simpatizante da monarquia e da aristocracia, mas através da trama dos seus romances dava uma imagem negativa de personagens desses estamentos, simpatizando mais com personagens oriundos do proletariado ou da pequena burguesia. Lukács chamou isso de “triunfo do realismo”, baseado em “fome de realidade” e “sinceridade literária”, qualidades que se podem observar igualmente em Euclides, quem, como pensador, defendia às vezes posições racistas e colonialistas, as quais, porém criticava como escritor, como “narrador sincero”. Euclides artista é bem mais perspicaz, mais verídico, mais autêntico do que Euclides cientista e ideólogo.

---

Havia, na relação entre Euclides e a realidade sertaneja, além dos interesses científico, “ambientalista” e “desenvolvimentista”, uma certa afinidade emocional, uma espécie de homologia ou correspondência caracterizada assim por Gilberto Freyre:

A paisagem que transborda *d’Os sertões* é aquela que a personalidade angustiada de Euclides da Cunha precisou de exagerar para completar-se e exprimir-se nela; para afirmar-se – junto com ela – num todo dramaticamente brasileiro em que os mandacarus e os xique-xiques entram para fazer companhia ao escritor solitário, parente deles no apego quixotesco à terra e na coragem de resistir e de clamar por ela. Resistir quando todos desistem. Resistir sempre. Clamar no deserto. Clamar pelo deserto.

De fato, Euclides era um sofredor, com grande talento para entender o sofrimento, o padecimento no mundo, e grande talento para o compadecimento com todas as criaturas, com sertanejos, soldados, pedras, plantas, animais, com a própria face da terra maltratada pelo homem, esse “fazedor de desertos”. Esse cientista e artista agnóstico tinha a alma de um mártir cristão: “O martírio do homem, ali, é reflexo de tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral da Vida. Nasce do martírio secular da terra..”

A sua empatia com os canudenses e a sinceridade como narrador levam Euclides a reconhecer e a admirar uma qualidade do povo de Canudos – apesar das calúnias que lhe continua reservando – que é um fato raro na história do Brasil e de qualquer outro país, ou seja: em Canudos as camadas subalternas, os analfabetos, os matutos, os eternamente menosprezados, humilhados, explorados ou esquecidos pelas elites, pelos governos, pela Igreja, esses “condenados da terra” (*Les Damnés de la Terre*) como reza o título de um famoso livro de Frantz Fanon, eles portanto se livraram da sua “menoridade”, virando “maiores”, ao tomar o seu destino nas próprias mãos, e ao entrar no palco da história como donos de si mesmos. Esses sertanejos se levantaram do chão, para citar o título de um romance, *Levantado do chão*, em que José Saramago, prêmio Nobel de literatura, narra a luta dos camponeses do Alentejo

para conquistar seus direitos, dignidade, melhores condições de vida. Assim também, os sertanejos de Canudos deixaram de ser apenas objetos, para se tornarem sujeitos da História. Euclides mostra, como os chamados “jagunços” e “fanáticos”, vítimas da repressão policial e das calúnias da imprensa, se retiraram para os ermos do sertão baiano. E mostra como nesse semideserto eles fundaram um arraial que funcionou relativamente bem durante 4 anos, dos quais 1 ano sob ataques de tropas do governo. Mostra também como essa comunidade conseguia, em condições portanto mais do que adversas, satisfazer as necessidades básicas de dez a quinze mil pessoas – moradia, alimentação, vestuário, saúde, educação, segurança – sem ajuda externa nenhuma.

Claro que não era uma democracia, mas era uma comunidade autônoma, espécie de teocracia, com um líder religioso no topo da hierarquia, Antônio Conselheiro. Ali o povo tinha mais participação na gestão das coisas públicas do que em qualquer outra parte do Brasil, e tinha condições de vida melhores do que nas fazendas vizinhas. Pertencer a essa comunidade era uma decisão livre das pessoas, o que gerou uma forte migração para Canudos entre 1894-97 – uma das causas da hostilidade dos fazendeiros da região, preocupados com a perda de mão-de-obra, como se depreende de uma carta de Cícero Dantas, o Barão de Jeremoabo, citada por Euclides. Naturalmente, uma organização social fora do sistema do mandonismo dominante no interior do Brasil era um desaforo absolutamente intolerável para as elites regionais. Mas permaneceu o depoimento, o monumento, o memorial de Euclides sobre aquele projeto social alternativo, bastante viável, até sustentável, não fosse “a estupidez e maldade dos homens” (Veríssimo) e não fosse, como dizia Euclides, a guerra que a nação republicana fazia ao sertanejo, “mostrando-lhe o brilho da civilização através do clarão de descargas.”

---

Admito que achei a leitura de *Os Sertões* penosa, e não por acaso esse livro tem, desde a sua estreia, fama de ser difícil, pelo excesso de arcaísmos, neologismos e termos técnicos, o culto parnasiano do vocábulo raro, a prosódia ritmicamente elaborada e rica em figuras sonoras, a sintaxe intrinca-

da e neobarroca, predominantemente hipotática, cheia de aliterações, rimas, assonâncias, hipérbatos, quiasmos, elipses, hipérboles, oximoros, paradoxos, metáforas ousadas. Aspectos que já foram criticados por seus primeiros admiradores, como José Veríssimo e Joaquim Nabuco, o qual considerava o livro escrito “com cipó”. Além disso, para explicar a estranheza do sertão, e ao mesmo tempo seu pertencimento à História Mundial, Euclides lança mão de comparações e alusões relativas a três mil anos de história, ciência e literatura do mundo quase inteiro, com certo exibicionismo enciclopédico, pressupondo esses conhecimentos nos leitores, e principalmente nos seus tradutores, fazendo deles, de certa forma, também “sofredores”.

Por outro lado, fui seduzido pelo ritmo, pela vibração, esculturalidade, sublimidade do estilo, suas qualidades poéticas e retóricas, que lembram as tragédias gregas, a Bíblia, as epopeias homéricas, Heródoto, Tucídides, Cícero, Dante, Padre Vieira, Victor Hugo. É parecido com o poeta Virgílio na *Divina Comédia*, o narrador euclidiano, usando muitas vezes a primeira pessoa do plural, caminha conosco pelo sertão, que pode ser um paraíso, mas que muitas vezes é um inferno. Uma narrativa de gênero literário híbrido, um ensaio entre tratado científico multidisciplinar, relato histórico, crônica pessoal, discurso político, romance, cujo narrador ou narradores nem sempre são idênticos com o autor, às vezes falando em estilo indireto livre, o que é indício de ficcionalidade, e o que destoia da pretensão de facticidade e de verdade documental.

---

No início do terceiro capítulo, “A Luta”, Euclides, em um esboço histórico, deixa claro que mesmo antes da guerra, desde a exploração, ocupação e dominação do sertão pelos bandeirantes e garimpeiros “gananciosos” no século XVIII, a região do São Francisco vivia em, como ele diz, “situação anômala”, um sistema de dominação repleto de violências e conflitos, marcado por “rivalidades partidárias e desmandos impunes de uma política intolerável de potentados locais”, uma ordem social dominada por “mandões” responsáveis por “todas as desordens”, “banditismo”, “saques” e “depredações”. É “situação anômala” do ponto de vista de uma Civilização civilizada, do Estado de direito, mas situa-



ção normalíssima nos sertões na época da República Velha. Ali as autoridades constituídas têm pouca autoridade, já que a dividem com mandões regionais, potentados também chamados de coronéis, de onde o termo coronelismo para denominar esse sistema de dominação. Só que tal situação incivilizada não é uma contra-civilização, é a outra face da mesma Civilização. Os coronéis, geralmente latifundiários, governam através da violência e da fraude eleitoral, junto com ou contra os governos, apoiando-se em suas próprias milícias, constituídas pelos chamados “jagunços”, ou contratando vez por outra cangaceiros, o que gera um permanente estado de instabilidade, de medo e violência, entre guerra civil e banditismo. Ou seja, Euclides vislumbra, contra os seus próprios preconceitos, que os “jagunços” e seu “fanatismo” não são resultados da origem étnica ou miscigenação racial, mas de estruturas e processos e sociais e políticos.

Esse tipo de potentados – coronéis, gamonales, caudillos – vocês tinham isso também no pampa, nos lhanos, nas selvas, no altiplano, temática frequente nas literaturas latino-americanas. Variando Riobaldo: O coronelismo está em toda a parte. E regimes parecidos estão difundidos ainda hoje no mundo inteiro, na África e na Ásia principalmente, regiões de *limited statehood*, estatalidade limitada, que às vezes afeta países inteiros, os chamados *failed states*, Estados falidos, muitas vezes com ingerência de potências estrangeiras. Quem manda nessas áreas infelizes são principalmente *warlords*, senhores da guerra, aliados ou inimigos do governo central ou da oposição, quando esta existe. Elementos dessa anomia, dessa fraqueza do poder público, com rivalidades entre diversos grupos de poder armados, isso a gente ainda tem no Brasil, em favelas dominadas pelo tráfico e por milícias, basta ler *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, ou ler simplesmente o noticiário de quase todos os dias.

Uma característica desses regimes é a impunidade de crimes cometidos ou mandados pelas elites, da qual as tropas em Canudos se aproveitam. “O sertão é o homizio,” de modo que o exército – que Euclides considera “multidão criminosa e paga para matar” – nunca vai ser acusado e muito menos punido. Pois, como ele diz: “lá não chegaria, certo, a correção dos poderes constituídos.” O sertão é um lugar, como diz Riobaldo, “onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade”.

Se as autoridades constituídas são incapazes de fazer justiça, deveria haver pelo menos outra justiça, cuja possível ausência também inquieta Euclides: “Ademais, não havia temer-se o juízo tremendo do futuro. A História não iria até ali.” Por outro lado, ao escrever isto, ele esperava que esta previsão fosse desmentida por seu livro, que justamente visava levar a História até ali. Pois um *leitmotiv* no pensamento do escritor era a necessidade de se dar um depoimento dos crimes cometidos na hinterlândia, para a opinião pública do mundo contemporâneo e da posteridade. Dessas instâncias ele reivindicava uma condenação moral dos culpados, ainda que simbólica. Pois ele acreditava numa forma secularizada do Juízo Final, uma justiça que Schiller e Hegel definiram assim: “A História mundial é o Juízo mundial”.

---

Como era possível que uma obra tão importante e brilhante, de alcance transnacional e trans-histórico não estivesse ainda acessível em língua alemã? Já tinha traduções para o espanhol, para o inglês, para o francês, que depois eu li. Assim, de volta na Alemanha em 1980, retomando a minha atividade como professor no Instituto de Estudos Latino-americanos da Freie Universität Berlin (FU), senti uma forte vontade, uma quase necessidade de traduzir esse livro, traduzir para eu o entender melhor, para os meus alunos, para o público alemão. Como filólogo, eu sabia e sentia que traduzir não só pressupõe e exige uma profunda e minuciosa análise de texto, mas também, por sua vez, provoca, fomenta, aprofunda esta análise. Pois a língua de chegada, principalmente quando distante da língua de partida, como é o caso do alemão em relação ao português, funciona como um aparelho de raios X, diante do qual o original é obrigado a desvendar a sua organização profunda, sua anatomia e fisiologia, sua vida interna. Nas palavras do grande poeta e tradutor Haroldo de Campos: “a tradução é uma forma privilegiada de leitura crítica”, visto que ajuda a penetrar “no âmago do texto artístico” e a reconhecer as suas “operações formadoras”. Euclides me fez tradutor.

Eu sabia que o próprio autor queria ver o seu livro traduzido; mesmo antes de escrever a primeira linha, já tinha combinado uma tradução para o francês, com um intelectual em Salvador da Bahia, Péthion de Villar. Pois o discurso que ele estava planejando, de revelação dos horrores da guerra e dos crimes da Civilização, discurso também fúnebre em homenagem aos sertanejos mortos, esse discurso ia se dirigir não só aos letrados brasileiros, mas aos letrados de todos os países civilizados. Euclides até teceu reflexões sobre a traduzibilidade do seu livro: “temo que o meu estilo, algo bárbaro, não se afeiçoe a tão delicado relevo”; ou seja, ele achava que a sua linguagem poderia não se adequar com as convenções estilísticas da contemporânea literatura francesa. Por aí se pode deduzir que o ideal tradutório para ele não seria a chamada “belle infidèle”, a tradução bela, mas infiel, ou seja, uma tradução beletrística conforme o gosto do público da cultura de chegada; mas que ele queria uma versão que recuperasse, como ele dizia: “as barbaridades” e estranhezas, a feitura intrínseca do seu estilo. Foi o que guiou a minha estratégia tradutória.

Assim, mergulhei na poética e retórica euclidiana, na biografia do autor, na história brasileira, na geografia, sociologia, antropologia do sertão, e também na língua e na historiografia alemã. O tradutor, idealmente, deveria conhecer, quase reviver as vivências, experiências, leituras, ideias, emoções, intenções do autor, dando ao seu texto a configuração linguística que este próprio lhe daria se conhecesse bem a língua de chegada e a sua cultura. Deste modo, o tradutor tem um papel comparável com o de um ator de teatro que de certa forma reencarna um personagem dramático, seja real, seja fictício. De qualquer forma, esse ator precisa saber tudo sobre o seu personagem, seu entorno, sua época, seu caráter, sua linguagem. Tentei ler pelo menos uma parte daquilo que o próprio Euclides tinha lido e citado, pois como outros livros também, *Os Sertões* é um livro sobre livros.

Vim algumas vezes ao Brasil para fazer pesquisas, Walnice Galvão me convidou, já nos anos 1980, para a Semana Euclidiana em São José do Rio Pardo, onde conversei também com outros euclidianos, visitei o Núcleo Sertão da UFBA, conversei com José Calasans e outros especialistas, Manoel Neto por exemplo, estive também em Canudos, e em Cantagalo (RJ), município natal de

Euclides. Traduzir, como qualquer outra atividade intelectual, é um trabalho solitário, mas também coletivo, pois pressupõe diálogos; assim a minha tradução é também resultado de boas conversas com talvez uma centena de pessoas, sertanejos, colegas no Brasil e na Alemanha, amigos, meus filhos.

Aos poucos me tornei um membro de duas confrarias, a dos estudiosos de Canudos e a dos estudiosos de Euclides, contatos e amizades que continuaram e se ampliaram depois da publicação de *Krieg im Sertão* (Guerra no Sertão) em 1994, na editora Suhrkamp. Para minhas pesquisas “pós-tradutórias” foram importantes os contatos com a UNEB, o Centro de Estudos Euclides da Cunha (CEEC) e este Campus Avançado, também com o CPDA (Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) da UFRRJ, no Rio de Janeiro, onde dei aulas sobre a representação da realidade rural na literatura latino-americana. Em 2011, a UFSC, Florianópolis, me convidou como professor visitante, por vários anos, no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET). Neste momento não estou lecionando; estou me dedicando à elaboração de uma nova tradução de *Grande Sertão: Veredas*. Tudo isso por “culpa” de Euclides...

---

Vamos dar uma olhada na oficina do tradutor, para ver detalhes da análise de texto, que é o dia a dia do tradutor, mas que pode ser esclarecedor para qualquer outro leitor. Vamos ouvir uma frase do trecho sobre “o estouro da boiada” em que a fúria de milhares de bois em pânico se traduz em prosa furiosa, de sonoridade febril e onomatopeica, para quase perder o fôlego, o que me lembrou autores dramáticos alemães do começo do século XIX, como Heinrich von Kleist, ou Georg Büchner, mas também os relatos sobre a Guerra Camponesa do século XVI e a Guerra dos Trinta Anos do século XVII, na Alemanha. Fala Euclides:

E sobre este tumulto, arrodando-o, ou arremessando-se impetuoso na esteira de destroços, que deixa após si aquela avalanche viva, largado numa disparada estupenda sobre barrancas, e valos, e cerros, e galhadas

– enristado o ferrão, rédeas soltas, soltos os estribos, estirado sobre o lombilho, preso às crinas do cavalo – o vaqueiro!

É uma frase relativamente curta para os padrões euclidianos, um período à primeira vista sem sujeito gramatical, uma acumulação de adjuntos adverbiais, verbos quase só no gerúndio, ou seja, formas verbais infinitas, o que é um problema para o tradutor, já que o alemão não tem gerúndio, infelizmente. Também uma série de epítetos e apostos aparentemente perdidos, diversas figuras sonoras, aliteraões, seriação polissindética de substantivos sem clara função sintática, até que enfim – aí aparece o sujeito da oração principal, truncada, sem verbo que deve ser imaginado pelo leitor; e esse sujeito que finalmente aparece é “o vaqueiro”. É sujeito da frase, sujeito da resistência na guerra, e sujeito de um possível futuro do Brasil, “a rocha viva da nossa raça”, “o cerne de uma nacionalidade”, se a Civilização não o tivesse trucidado. A gente vê: a substância do livro todo está em cada um dos seus detalhes.

A frase tem duas partes, primeiro o “tumulto” e a “avalanche” de animais, e depois, no fundo, uma única palavra, um único sujeito: o vaqueiro, seu domador, anunciado por uma intercalação entre dos travessões. Ele sozinho contrapesa e doma e supera o peso lexical e real de milhares de bois. Ele aparece assim, já pela sintaxe, como herói, herói em tempos de paz, e mais tarde, nas seis seguintes partes do livro, vai aparecer também como herói em tempos de guerra. Euclides foi um grande artista de língua portuguesa, pondo a sua arte no serviço da mensagem e da emoção.

Esse ritmo afobado, essa oralidade ora erudita, ora dramática, ora épica, ou até lírica, esse desvio sistemático da língua-padrão, causando estranheza, surpresa, empatia, esse clímax de suspense, essa sintaxe insólita, com sequência incomum das palavras, também com repetições, elipses – tudo isso é desafio, é convite, é tarefa árdua e também gratificante para o tradutor. Este precisa rastrear, recapitular, refazer essa prosódia do texto, na medida do possível. Imaginei o autor como orador em um grande anfiteatro, em que estaria sentado o povo brasileiro, ao qual Euclides narraria, explicaria, declamaria a sua vivência e visão da história, sua comoção, seu protesto. E por trás

haveria outro anfiteatro maior, do público mundial. E onde estaria eu? Eu seria um dos intérpretes ao lado do orador, e eu transformaria, transcriaria, transgermanizaria, como diria Haroldo de Campos, frase por frase, a fala euclidiana para o público de língua alemã. O estilo euclidiano tem uma forte dimensão oral, ele é oral, não de uma oralidade coloquial, mas de uma oralidade erudita, uma retórica cambiante entre solene, lírica, sarcástica, dramática. Li o original em voz alta, e pedi para amigos brasileiros fazerem isso, para eu ter uma impressão da sonoridade e do ritmo dessa linguagem. E, em vez de escrever, eu falei e gravei a primeira versão alemã, pois a tradução devia sair tão pronunciável e audível, tão altissonante, comovedora, imponente quanto o original. Eu queria que *Krieg im Sertão* tivesse um impacto sonoro tal que Euclides ficaria satisfeito.

Com a tradução publicada, fui convidado para muitas leituras públicas, por casas e associações culturais, universidades e livrarias, e sempre as pessoas no público me confirmavam o forte efeito intelectual e emocional que creio que correspondia às intenções do autor. Parece que a oralidade e ‘falabilidade’ da tradução ajudou também a sua adaptação para uma peça radiofônica de quase 3 horas de duração, que a maior emissora alemã, a Westdeutscher Rundfunk (WDR, Colônia) produziu em 2007. O Teatro Oficina, de São Paulo, sob direção de José Celso Martínez Corrêa, levou a sua adaptação de *Os Sertões* duas vezes para a Alemanha, com legendagem em alemão feita por mim, baseada na tradução impressa. Essa encenação foi apresentada em duas turnês na Alemanha, com estrondoso sucesso de crítica e de público, em 2004 no festival Ruhrfestspiele em Recklinghausen, e em 2005 no teatro Volksbühne, em Berlim, acompanhadas de exposições de fotografias de Flávio de Barros e de palestras introdutórias por mim proferidas.

---

Gostaria de convidar vocês para outra olhada na oficina do tradutor, em outra frase, excepcionalmente curta, também com o sujeito gramatical no final, para aumentar o suspense:

Mas que entre os deslumbramentos do futuro caia, implacável e revolta; sem altitude, porque a deprime o assunto; brutalmente violenta, porque é um grito de protesto; sombria, porque reflete uma nódoa – esta página sem brilhos.

Durante a maior parte da frase, não se sabe a que se refere o verbo da oração optativa: “caia”, pois ela é interrompida por vários apostos e adjuntos adverbiais aparentemente soltos, referentes a algo ainda desconhecido, seguidos de três subordinadas causais, em movimento de clímax, o que gera tensão e curiosidade no leitor – dramatização de um anúncio, sem que se saiba qual a coisa anunciada, até que, finalmente, vem a revelação, depois de um travessão, o sujeito gramatical: “esta página sem brilhos...” Naturalmente “página sem brilhos” é uma *captatio benevolentiae*, de exagerada modéstia, para atizar a admiração do leitor por este livro “vingador”, escrito com grande brilho estilístico para mostrar que a campanha militar não teve brilho nenhum, para desconstruir a retórica grandiloquente do exército, do governo e de boa parte da imprensa, e para desmanchar a atmosfera festiva da belle époque. Se alguém sai abrilhantado em *Os Sertões*, é o sertanejo; o vencido é o vencedor no plano moral e imaginário.

---

Mas era realmente desejável recuperar na tradução aquela parafernália toda de recursos estéticos? Já que estes destoam tanto dos ideais estilísticos na Alemanha moderna, com seu apreço da sobriedade, da objetividade, da compreensibilidade, e sua desconfiança contra qualquer *páthos*, pompa, solenidade, exuberância. Até no Brasil, onde há mais compreensão por uma linguagem floreada e barroca, há quem diga que a roupagem poético-retórica de *Os Sertões* seria um ornato superficial e supérfluo, um enxerto estranho a um livro essencialmente não-literário, objetivo e científico. Se realmente fosse assim, eu poderia simplesmente traduzir o conteúdo, a função referencial do texto, para usar conceitos de comunicação de Jakobson, deixando de lado tudo o que serve às funções expressiva, apelativa, poética. Eu traduziria o essencial,

o conteúdo, sem a embalagem decorativa e datada. Será que isso seria adequado? A história da recepção e a fortuna crítica de *Os Sertões* indicam o contrário.

Lendo os relatos contemporâneos sobre a guerra de Canudos, de testemunhas oculares e outros, em grande parte anteriores a *Os Sertões*, a gente vê que todos os fatos importantes narrados por Euclides e muitas das suas avaliações também se encontram naqueles outros depoimentos, inclusive o protesto contra erros e crimes do exército. O essencial no livro de Euclides não são as informações sobre os fatos da guerra, nem sobre a geologia, a fauna e flora do sertão, ou sobre os costumes dos sertanejos, pois tudo isso se pode encontrar, embora de modo espalhado e com outro arranjo e combinação, em outras publicações também. Podemos até dizer, exagerando muito pouco, o seguinte: se não houvesse *Os Sertões*, mesmo assim, poderíamos saber tudo o que sabemos hoje sobre o sertão e sobre aquela guerra.

Mas faltaria algo, e muito: faltaria o grande *mea-culpa* dos letrados brasileiros e da Civilização toda diante de um erro e um crime da própria Civilização. Faltaria o grande monumento da indagação sobre quem são os sertanejos, quem são os brasileiros, qual a sua posição no mundo, qual o papel dos letrados entre elites e povo, quais os caminhos e descaminhos da Modernidade e da lógica do Ocidente, quais as ambiguidades das pessoas e grupos sociais, da religião, da ciência, da racionalidade e da emocionalidade do homem. Faltaria a lembrança de acontecimentos trágicos, que dão o tom ao livro, eu cito: “O heroísmo tem nos sertões, para todo o sempre perdidas, tragédias espantosas.” Justamente graças a Euclides, essas tragédias não estão perdidas para a memória coletiva. Sem *Os Sertões* faltaria o apelo ao público do Brasil e do mundo, pela solidariedade com os vencidos e injustiçados.

E faltariam grandes poemas em prosa, como aquele trecho intitulado “Higrômetros singulares”, que parece ecoar o famoso soneto *Le Dormeur du val* de Rimbaud:

Percorrendo certa vez, nos fins de setembro, as cercanias de Canudos, fugindo à monotonia de um canhoneio frouxo de tiros espaçados e sortunos, encontramos, no descer de uma encosta, anfiteatro irregular, onde as colinas se dispunham circulando a um vale único. [...] Ao lado



uma árvore única, uma quixabeira alta, sobranceando a vegetação franzina. O sol poente desatava, longa, a sua sombra pelo chão, e protegido por ela – braços largamente abertos, face volvida para os céus, – um soldado descansava. Descansava... havia três meses. Morrera no assalto de 18 de julho. [...] O destino que o removera do lar desprotegido fizera-lhe afinal uma concessão: livrara-o da promiscuidade lúgubre de um fosso repugnante; e deixara-o ali há três meses – braços largamente abertos, rosto voltado para os céus, para os sóis ardentes, para os luares claros, para as estrelas fulgurantes...

O poema de Rimbaud, escrito na guerra franco-alemã de 1870-71, e o trecho citado de *Os Sertões*, mostrando a mesma antinomia entre o cenário pacífico e a descoberta súbita – absurda, fora do lugar – da morte, são monumentos não-militaristas ao soldado desconhecido, protestando contra essa barbaridade transnacional da Civilização que é a guerra.

Sem o tom elevado, solene, sublime, o sertanejo não seria dignificado e nobilitado, não seria equiparado aos heróis e divindades da Antiguidade, aos Hércules, titãs, anteus, gladiadores, centauros, aos heróis das tragédias clássicas, aos guerrilheiros germanos que derrotaram as legiões romanas de Varus, aos campeadores e cavaleiros medievais, aos guerrilheiros espanhóis que resistiram a Napoleão. Sem essa retórica, o livro não teria o fôlego dos grandes historiógrafos, de Heródoto, Tucídides, Tácito, Michelet, Mommsen. E Canudos em sua desesperada autodefesa não seria a “Troia de taipa”, famoso oxímoro que nos lembra as epopeias homéricas, e ao mesmo tempo a simplicidade das moradias de Canudos. Sem essa transfiguração apaixonada e poética do sertão este não seria uma das grandes regiões literárias do mundo. Sem a sua configuração estética, poética, compositória, a sua construção como uma segunda Bíblia, *Os Sertões* não seria *Os Sertões*. A guerra de Canudos seria um conflito comparável à Guerra do Contestado, que ficou sem uma saga do gabarito de *Os Sertões* e que por isso não faz parte integral do imaginário dos brasileiros.

Não são os fatos e nem mesmo muitas das reflexões que fazem a singularidade do livro de Euclides, mas sim seu arranjo, sua composição, sua força evocadora e presentificadora, a plasticidade, pictorialidade e teatralidade do seu estilo, e a presença da personalidade do narrador-autor em cada detalhe do

texto, que faz do leitor aquilo que ele mesmo é: um observador participante, emocionado e revoltado. Em Euclides, o estilo realmente é o homem. Por que será que quase todos aqueles outros depoimentos sobre Canudos, muitos de grande valor documental e intelectual, são conhecidos só por especialistas? Simplesmente porque não têm qualidades poéticas e retóricas capazes de expressar fatos, ideias e emoções de modo tão impactante, profundo, permanente. Confirmo inteiramente o que os palestrantes de hoje de manhã falaram nesse sentido.

---

Por outro lado, tampouco se pode dizer que *Os Sertões* fosse antes de mais nada uma obra de arte, e que a parte informativa e referencial não importasse tanto, podendo ser colocada no segundo plano pelo tradutor. Para esclarecer essa questão, façamos o seguinte experimento virtual: imaginemos que nós teríamos esse livro grandioso que é *Os Sertões*, mas que a Guerra de Canudos nunca teria acontecido, ou seja, que o livro seria puro romance, pura ficção. O impacto seria bem menor, pois este não se deve só à arte compositória, narrativa e estilística do autor, mas também à sua relação com a realidade extraliterária. Quando a gente sabe que um livro, um filme, uma música, remete a fatos reais, a nossa atenção é muito maior, muito mais emotiva, muito mais profunda. No caso de *Os Sertões*, essa referência tem um caráter revelador sobre a História do Brasil, o gênero humano, a dialética da Civilização. O fato de o texto não ser apenas autorreferente, mas também, e em alto grau, referente a uma realidade extraliterária faz parte da própria qualidade literária do texto.

Portanto, para voltar à pergunta sobre aquilo que se deve traduzir – o conteúdo referencial ou a linguagem? – só pode haver uma resposta: as duas coisas, as duas propriedades da obra. Sem a tentativa de reconfigurar os recursos expressivos, poéticos, retóricos, qualquer tradução seria uma mera paráfrase, não seria uma tradução, seria uma traição perante os leitores estrangeiros. textual é uma qualidade do próprio texto. Por todas essas razões, procurei oferecer aos leitores e às leitoras de língua alemã uma tradução em que transparecesse o original tanto em suas qualidades poéticas como também em suas qualidades referenciais, reflexivas, apelativas e emocionais.

Para ajudar o público a fazer uma leitura contextualizadora e aprofundada incluí quase 100 páginas de paratextos: notas finais, glossário, mapas, posfácio, e na última edição, de 2013, também algumas fotos de Flávio de Barros. Assim, *Krieg im Sertão* reúne praticamente dois livros, a tradução propriamente dita, e um extenso comentário.

---

A crítica literária honrou essa tentativa de reconfiguração tanto da linguagem como da mensagem de Euclides, e o público também, reconhecendo imediatamente o alcance transcultural do clássico brasileiro. Até agora saíram três edições, duas de capa dura e uma como livro de bolso. A publicação de *Krieg im Sertão* foi um dos lançamentos centrais na Feira do Livro de Frankfurt, em outubro de 1994, que teve o Brasil como convidado especial. “A tradução de *Os Sertões* não foi somente um marco na recepção da literatura brasileira dentro do campo literário alemão ou para o mercado editorial, senão para o seu tradutor e para todo o programa da editora Suhrkamp, [...] um feito ímpar na mediação da literatura brasileira assim como da literatura latino-americana,” resumiu o crítico literário Douglas Pompeu. Em janeiro de 1995, na “Bestenliste” – lista mensal dos melhores livros recém-publicados em língua alemã, pesquisa organizada pela emissora de rádio e televisão SWR (Stuttgart) entre 35 críticos alemães, suíços e austríacos – a tradução alemã de *Os Sertões* saiu em 3º lugar, num mercado editorial que conta com 70 mil novos livros todo ano, dos quais dez mil de ficção.

O crítico e professor da USP Marcus Mazzari se mostrou impressionado com o impacto de *Krieg im Sertão*, registrando inclusive as referências para guerras contemporâneas na Europa dos anos 1990, analogias que hoje em dia ganham nova atualidade diante da guerra da Rússia contra a Ucrânia; eu cito trechos do seu comentário:

Entre as obras da literatura brasileira traduzidas para o alemão, talvez tenha sido esta a que obteve maior ressonância, o que se pode verificar pelas resenhas, sempre elogiosas, que saíram em vários dos mais importantes jornais e revistas do país: um extenso comentário sobre *Os*

*Sertões* abre o “panorama da literatura brasileira” de Hugo Loetscher, publicado numa edição especial da revista *Der Spiegel* (outubro 94) dedicada à Feira Internacional do Livro de Frankfurt, que teve o Brasil como país homenageado. Em periódicos como *Die Zeit*, *Frankfurter Rundschau*, *Süddeutsche Zeitung*, *Freitag*, Euclides foi saudado, em longas e entusiásticas resenhas, como um *Heródoto do sertão*, um épico de *dimensões homéricas*. [...] [Também] há razões para suspeitar que a sua recepção na Alemanha se deva a uma inquietante atualidade do clássico euclidiano. Essa atualidade não residiria apenas na crítica, generalizável, da dialética da civilização, O ato de barbárie reconstituído por Euclides pode ser concebido sob o estigma de *expurgo étnico* que, como sabemos, assumiu formas extremas na Alemanha nacional-socialista. Além disso, *Krieg im Sertão* apareceu num momento em que recrudesciam, em pleno continente europeu, as atrocidades da guerra civil iugoslava, alcançando na Bósnia a configuração de *homizão* generalizado que Euclides desvenda na campanha de Canudos. Esta recente irrupção de *animalidade primitiva*, para usar outra expressão de Euclides, não terá deixado de influenciar a recepção d’*Os Sertões* na Alemanha. Nessa mesma linha de argumentação Ekkehard Krippendorff, em resenha mais recente sobre a nossa “epopéia política de dimensões homéricas” (outubro de 95) vislumbra, num capítulo do livro, “a lógica e a dinâmica da ‘reconquista’ da Tchetchênia pelo estado russo”.

O escritor austríaco – e ex-professor de literatura alemã na USP – Robert Menasse disse em uma palestra de 1995, entre outras coisas:

A expedição descrita por Euclides torna-se assim uma expedição até aos limites das possibilidades da literatura – e assim um imenso desafio a todo tradutor. O tom polifônico deste romance, composto principalmente de elementos contraditórios, como também de *pathos* clássico, tratado científico, informação militar, citações ironizadas, linguagem coloquial, é tão bem equilibrado por uma distância narrativa sempre atuante que disto resulta novamente um todo. [...] A decisão de Berthold Zilly de responder sutilmente os tipos de textos do original, foi, nesse sentido, uma decisão feliz. [...] Justamente por isso ele conseguiu em alemão o afamado equilíbrio de Euclides entre exatidão objetiva e tom poético-suplicante e – isto não pode ser suficientemente realçado – tornou-o compreensível e inteligível. [...] Berthold Zilly traduziu não apenas um romance de Euclides da Cunha para o alemão, ele transpor-

tou para o alemão também e sobretudo uma grande pretensão de Euclides da Cunha, a saber, ser poliglota e cosmopolita no interior de uma língua. Assim, a tradução de Berthold Zilly de *Os Sertões* não é apenas uma sorte para todo leitor alemão, mas também para todo autor que escreve em língua alemã, e que queira se formar através de uma grande obra, e sobretudo queira se educar dentro das possibilidades de sua língua, tanto para ser um aventureiro como para ser um cosmopolita esteticamente sensível.

Um dos maiores críticos alemães, Dieter E. Zimmer, infelizmente falecido, dedicou a *Krieg im Sertão*, no semanário *Die Zeit*, um ensaio monumental, cujo título anuncia a grandeza singular do livro e da admiração que desperta: “Condenado à vida. Uma visão sombria, um poema, um documento grandioso da história do tempo e do homem no Brasil: a epopeia *Krieg im Sertão* de Euclides da Cunha.” Deixem-me, para concluir, citar alguns trechos:

Um jovem literato – que passou a sua vida nos litorais europeizados de um país gigantesco, ainda não dimensionado e ainda desconhecido a si mesmo – volta e meia se encontra, na sua imaginação ávida de conhecimentos, nos fundões do país, onde a vida é impensavelmente dura e áspera e estranha. Quando um dia surge para ele a ocasião de viajar de verdade para esse coração das trevas, ele só topa naquilo que já conhece bem através das suas andanças mentais. É tão fascinante e terrível quanto ele havia afigurado. De volta ao mundo civilizado, ele se retira escrevendo um poema sobre aquela terra selvagem no interior do país e de si mesmo. Esse caráter duplo do livro – por um lado como historiografia entendedora e apeladora e por outro lado como poesia encantadora – confere à obra monumental euclidiana, *Os Sertões*, em alemão *Krieg im Sertão*, o seu poder até hoje em dia. [...] Pois *Os Sertões* é mais do que o panfleto revoltado de uma testemunha ocular. É mais do que um devido ato da historiografia. É mais do que um enciclopédico tratado do país e do homem. Sem ser menos do que tudo isso e sem perder nada da sua fiabilidade, é uma visão sombria, um poema.

## Bibliografia

BARTELT, Dawid Danilo. *Sertão, República e Nação*. Trad. Abi-Sâmara, Raquel; Kretschmer, Johannes. São Paulo: Edusp, 2009.

FURLAN, Mauri. “Os Sertões de Euclides da Cunha em Alemão. Prêmio Wieland de tradução 1995”. In: *Cadernos de Tradução*, v. 1, n. 1, (1996) Florianópolis, UFSC, p. 350.

MAZZARI, Marcus V., “Os Sertões na Alemanha”. In: *Estudos Avançados* 10 (26), 1996, p. 331-343. <https://core.ac.uk/download/pdf/268332183.pdf>.

MENASSE, Robert. “Louvor a Berthold Zilly”. In: *Cadernos de Tradução* (1996), p. 351-354, Tradução de Mauri Furlan. file:///C:/Users/T530/Downloads/5103-Texto%20do%20Artigo-16208-1-10-20080719%20(2).PDF.

POMPEU, Douglas. *Uma ilha brasileira no campo literário alemão: Dinâmicas de circulação literária pela editora Suhrkamp e a recepção da literatura do Brasil (1970-1990)*. Bielefeld: Transcript 2022. <https://refubium.fu-berlin.de/handle/fub188/37174>.

ZILLY, Berthold. “Euclides da Cunha na Alemanha” [posfácio da edição alemã de *Os Sertões*, traduzido por Marcus Mazzari]. In: *Estudos Avançados* 10 (26), 1996, p. 329-350. <https://core.ac.uk/download/pdf/268332183.pdf>.

ZILLY, Berthold. “Discurso de agradecimento”. Trad. Mauri Furlan. In: *Cadernos de Tradução*, (1996), p. 355-363. file:///C:/Users/T530/Downloads/5103-Texto%20do%20Artigo-16208-1-10-20080719%20(2).PDF

ZILLY, Berthold. “A Guerra como painel e espetáculo. A História presentificada em Os Sertões de Euclides de Cunha.” In: *História: Questões & Debates*, Curitiba, v. 14, n. 26/27, Jan./dez. 1997, p. 46-79. file:///C:/Users/T530/Downloads/2037-262-PB%20(1).pdf

ZILLY, Berthold. “Canudos telegrafado. A guerra do fim do mundo como evento de mídia na Europa de 1897.” *Ibero-Amerikanisches Archiv*. Neue Folge, Vol. 26, No. 1/2 (2000), pp. 59-96. <https://www.jstor.org/stable/i40134777>

ZILLY, Berthold. “Entrevista com Berthold Zilly”. Entrevista concedida a Maria Teresa Machado, Paula Arbex e Irene Hirsch em 11 de setembro de 1997. In: *Cadernos de Literatura em Tradução*, nº1, USP, 1997, p. 111-126. file:///C:/Users/T530/Downloads/49296-Texto%20do%20artigo-60540-1-10-20130108%20(1).pdf.

ZILLY, Berthold. “Um depoimento brasileiro para a História Universal – traduzibilidade e atualidade de Euclides da Cunha”. In: *Estudos Sociedade e Agricultura*, 9, outubro 1997: p. 5-15. <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/nove/zilly9.htm>.

[Teatro Oficina em Ruhrfestspiele Recklinghausen 2004:] <https://www.dw.com/pt-br/mina-alem%C3%A3-serve-de-palco-a-z%C3%A9-celso-e-os-sert%C3%B5es/a-1206708>.

[Teatro Oficina em Volksbühne Berlin 2005:] <https://teatroficina.tumblr.com/image/150828504343>.

**Recebido em 20 de novembro de 2022.**

**Aceito em 15 de dezembro de 2022.**